

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE PSICOLOGIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA
MESTRADO EM PSICOLOGIA CLÍNICA

FORMAS DE SUBJETIVAÇÃO DA GERAÇÃO Y

ANDRÉ VERZONI

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação da Faculdade de Psicologia da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre em Psicologia.

Porto Alegre
Dezembro, 2014

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE PSICOLOGIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA
MESTRADO EM PSICOLOGIA CLÍNICA

FORMAS DE SUBJETIVAÇÃO DA GERAÇÃO Y

ANDRÉ VERZONI

ORIENTADORA: Prof^ª. Dr^ª. Carolina Lisboa

Dissertação realizada no Programa de Pós-Graduação da Faculdade de Psicologia da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, como parte dos requisitos para obtenção do Grau de Mestre em Psicologia.

Porto Alegre
Dezembro, 2014

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

V574f Verzoni, André

Formas de subjetivação da geração Y / André Verzoni. – Porto Alegre, 2014.

86 f.

Dissertação (Mestrado) – Faculdade de Psicologia, PUCRS.
Orientador: Prof^a. Dr^a. Carolina Saraiva de Macedo Lisboa

1. Psicanálise. 2. Formas de Subjetivação. 3. Geração Y.
4. Contemporaneidade. I. Lisboa, Carolina Saraiva de Macedo.
II. Título.

CDD 158.7

Ficha Catalográfica elaborada por Loiva Duarte Novak – CRB10/2079

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE PSICOLOGIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA
MESTRADO EM PSICOLOGIA CLÍNICA

FORMAS DE SUBJETIVAÇÃO DA GERAÇÃO Y

ANDRÉ VERZONI

COMISSÃO EXAMINADORA:

Prof^ª. Dr^ª. Maria Cristina Poli

Prof. Dr. Amadeu Weinmann

Porto Alegre
Dezembro, 2014

AGRADECIMENTOS

Agradeço à Prof^a. Dr^a. Carolina Lisboa pela orientação oferecida com inesgotável interesse, dedicação e atenção.

Agradeço à minha esposa, Melissa Bordin, pelo afeto, paciência e confiança durante a realização da Dissertação e em todos os momentos de nossas vidas.

Agradeço aos meus pais, por sempre acreditarem nas minhas ideias e projetos.

Agradeço à Prof^a. Dr^a Mônica Kother Macedo, pelo interesse e contribuições ao nosso trabalho.

Agradeço às colegas Bruna Holst e Silvia Hallberg, excelentes parceiras de trabalho e amizade desde o início do Mestrado.

Aos integrantes do Grupo de Pesquisa Relações Interpessoais e Violência: contextos clínicos, sociais, educativos e virtuais (RIVI), sobretudo Daniel Fulginiti, Andréia Braga e Camila Sartori, pela assistência e companheirismo.

À psicanalista Marieta Madeira, pela inspiração para o Mestrado.

À coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), pelo incentivo à pesquisa através da concessão da bolsa de mestrado.

RESUMO

Esta dissertação de mestrado é composta por dois artigos. O primeiro artigo é um trabalho teórico, enquanto que o segundo é um artigo empírico. O objetivo geral da dissertação foi investigar e compreender as formas de subjetivação dos jovens da Geração Y. O artigo teórico, estruturado como uma revisão narrativa, propõe uma discussão a respeito das formas de subjetivação dos indivíduos da Geração Y, considerando-os agentes e sujeitos do tempo contemporâneo. O artigo empírico é fruto de uma pesquisa qualitativa, transversal e exploratória que estabeleceu como objetivo a investigação, descrição e compreensão das formas de subjetivação dos jovens da Geração Y. Para atingir este propósito, foram realizadas entrevistas abertas semi-estruturadas com os seguintes eixos exploratórios: trabalho, relações interpessoais e virtuais, imagem de si e dos outros, tempo (rotina), valores éticos, ídolos (celebridades), violência, consumo, objetivos e críticas sobre a sociedade contemporânea. O método utilizado para a análise dos dados obtidos através das entrevistas foi a Análise Interpretativa proposto por Frederick Erickson. A partir do conteúdo das entrevistas, concluiu-se que os jovens da Geração Y apresentam ambivalência, idealismo e a persistência de traços da adolescência; propõem diversas críticas e exigências em relação ao contexto em que vivem e altas expectativas em relação a si mesmos; consideram o trabalho coletivo e criativo a via principal para a realização profissional; sustentam que vivenciar outras culturas é fundamental para o crescimento pessoal e classificam a falta de respeito pela individualidade como uma das mais reprováveis manifestações de violência.

Palavras chave: Formas de subjetivação; Geração Y; Contemporaneidade; Modernidade; Psicanálise

Área conforme classificação CNPq: 7.07.00.00-1 - Psicologia

Sub-área conforme classificação CNPq: 7.07.10.00-7 - Tratamento e intervenção psicológica

ABSTRACT

This master thesis consists of two articles. The first article is a theoretical study, while the second is an empirical article. The primary objective of this thesis was to investigate and understand the subjectivity of the Generation Y. The theoretical paper, structured as a non-systematic review, proposes a discussion of the subjectivity established by the Generation Y considering their integrants agents and subjects of the contemporary time. The empirical article is the result of a qualitative, exploratory and cross-sectional research, which goal is the description and understanding of the subjectivity presented by the Generation Y. To achieve this purpose, semi-structured interviews with open exploratory axis were made. The themes of the interview were: work, interpersonal and virtual relationships, self and others image, time (routine), ethical ideals, idols (celebrities), violence, consumption, goals and critical about contemporary society. The method used to analyze the content of the interviews was the Interpretative Analysis proposed by Frederick Erickson. The conclusions were that the Generation Y present ambivalence, idealism and the persistence of adolescent traits; propose various critics and demands towards the context where they live and have high expectations about themselves; consider the collective and creative work the key to professional achievement; maintain that experience other cultures is vital for personal development and classify the lack of respect for individuality one of the most reprehensible forms of violence.

Keywords: forms of subjectivity; Generation Y; contemporaneity; modernity; Psychoanalysis

Área conforme classificação CNPq: 7.07.00.00-1 - Psicologia

Sub-área conforme classificação CNPq: 7.07.10.00-7 - Tratamento e intervenção psicológica

SUMÁRIO

AGRADECIMENTOS.....	5
RESUMO.....	6
ABSTRACT.....	6
SUMÁRIO.....	8
RELAÇÃO DE FIGURAS.....	9
1 APRESENTAÇÃO.....	10
2 ESTRUTURA DA DISSERTAÇÃO.....	20
2.1 Estudo I — Artigo Teórico: Formas de subjetivação da Geração Y.....	20
2.2 Estudo II — Artigo Empírico: Formas de subjetivação da Geração Y: recorte da contemporaneidade.....	38
3 CONSIDERAÇÕES FINAIS DA DISSERTAÇÃO.....	73
4 ANEXOS.....	79

RELAÇÃO DE FIGURAS

Figura 1 Pirâmide populacional do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística..... 10

1 INTRODUÇÃO

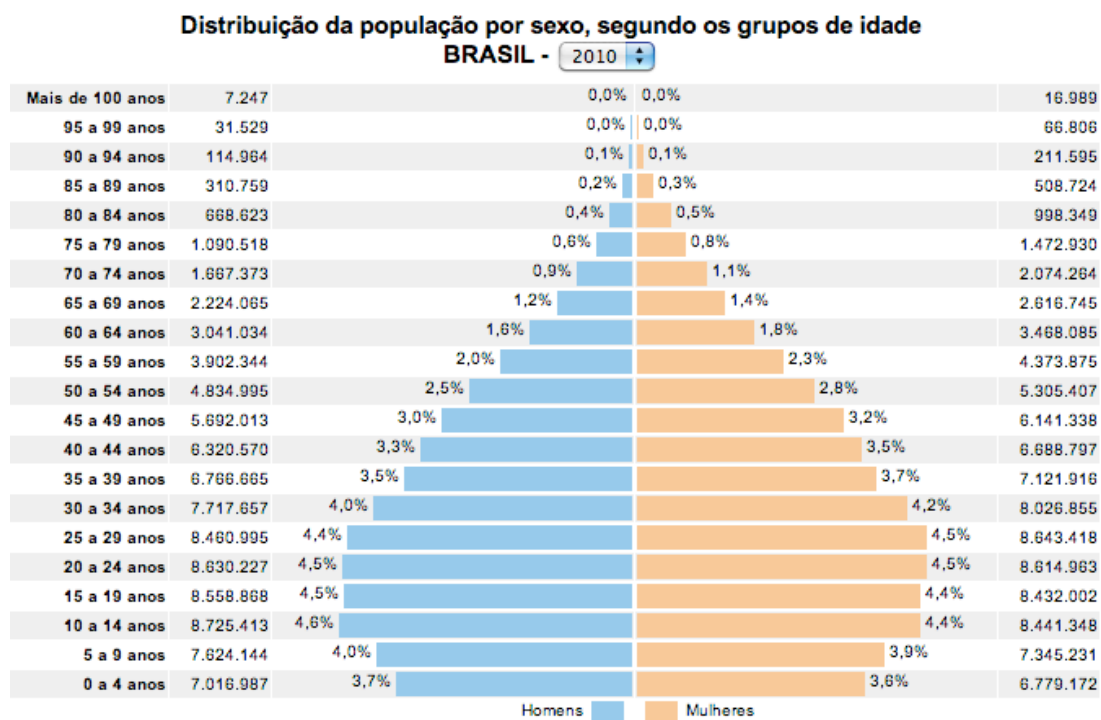
Esta dissertação de Mestrado intitula-se “Formas de subjetivação da Geração Y” e foi realizada sob a orientação da Prof^a. Dr^a. Carolina Lisboa, no grupo de pesquisa “Relações Interpessoais e Violência: contextos clínicos, sociais, educativos e virtuais” (RIVI), integrante do programa de Pós Graduação da Faculdade de Psicologia da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, área de concentração de Psicologia Clínica, linha de pesquisa Teorias, Técnicas e Intervenções em Psicologia Clínica.

A presente dissertação está dividida em duas seções: a primeira apresenta um artigo teórico e a segunda um artigo empírico. O artigo teórico propõe uma discussão sobre as características subjetivas e psíquicas dos jovens da Geração Y em relação aos principais conceitos e proposições referentes às formas de subjetivação contemporâneas. Para tanto, este trabalho teórico discute o papel destes indivíduos como herdeiros e agentes, descendentes e autores da contemporaneidade. Além de aprofundar as especificidades da Geração Y, o artigo tem como objetivo contribuir com a renovação da psicologia e da psicanálise enquanto práticas clínicas que se mantenham coerentes com as formas de subjetivação de seu tempo.

O artigo empírico, por sua vez, tem como objetivo investigar e descrever as formas de subjetivação dos jovens da Geração Y e inferir relações com as formas de subjetivação contemporâneas. Além disso, busca relativizar e contextualizar alguns dos mitos ou estereótipos mais comumente atribuídos à Geração Y. Para atingir estes propósitos, foi realizada uma pesquisa qualitativa, transversal e exploratória na qual foram entrevistados seis participantes (três homens e três mulheres) entre os 21 e 25 anos de idade. Antes da coleta de dados, foi obtida a aprovação do projeto de pesquisa no Comitê de Ética da PUCRS (sob o n. 622.051). Os participantes foram selecionados por conveniência e através do processo de bola de neve. Como ponto de partida para a seleção dos participantes foram utilizadas as indicações de pessoas com as quais o pesquisador possui relação. Como critério para serem incluídos na pesquisa, os entrevistados não poderiam ser graduandos ou formados em psicologia — para evitar vieses em decorrência de um possível conhecimento teórico e formal sobre as formas de subjetivação e Geração Y. Além disso, os participante deveriam estar, na época da entrevista, exercendo alguma atividade profissional — para que pudessem fornecer mais elementos sobre a sua colocação como sujeitos na sociedade contemporânea e a respeito das suas atividades e inserção mercado de trabalho. São considerados integrantes da Geração Y os indivíduos que nasceram entre 1980 e 2000 (Alsop, 2008; Howe & Strauss, 2000). Em razão da amplitude da faixa de idade desta classificação, é razoável supor que, provavelmente,

seus partícipes apresentem peculiaridades e diferenças significativas que dificilmente poderiam ser abarcadas em único trabalho. Por este motivo, nesta pesquisa foram incluídos somente participantes que, na época da entrevista, tivessem entre 20 e 25 anos. O motivo desta escolha específica fundamenta-se no predomínio desta faixa na pirâmide etária brasileira (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, 2010).

Figura 1. Pirâmide populacional do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística [IBGE] (2010).



As entrevistas com os participantes duraram cerca de sessenta minutos e ocorreram em cafés ou restaurantes, locais previamente combinados através de mensagens particulares na rede social virtual *Facebook*. Além do material coletado nas entrevistas, os participantes preencheram um formulário sobre dados sócio-demográficos e assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido. O conteúdo das entrevistas foi analisado utilizando-se a Análise Interpretativa, método proposto por Erickson (1986), com base em teorias sobre as formas de subjetivação contemporâneas e a teoria psicanalítica.

Formas de subjetivação

O conceito teórico de formas de subjetivação se refere, sobretudo, aos diferentes modos e estilos de fazer-se sujeito em determinado tempo e espaço (Foucault, 1984). A construção da subjetividade encontra seu espaço no hiato ou fronteira entre o indivíduo e a cultura que o cerca (Weinmann, 2006). O sujeito, para que possa fazer parte de determinada cultura, deve obrigatoriamente arcar com renúncias individuais, afim de que possa ser recompensado com os benefícios das aquisições promovidas pela civilização (Freud, 1927/1996). Para a psicanálise, que se interessa principalmente pelos processos inconscientes, as formas de subjetivação têm a importante função de amparar o sujeito e conservar a sua consistência, sustentando algo que seja, simultaneamente, individual e compatível com cultura a qual pertence (Bleichmar, 2004/2010). As formas de subjetivação podem fazer com que o sujeito crie um “estilo de existência”, ou seja, uma maneira de viver que permita a coexistência da sua especificidade no interior do contexto cultural (Birman, 1997).

A psicanálise, enquanto teoria e prática clínica, foi proposta por Freud sob a influência da sociedade europeia do final do século XIX. A subjetividade desta época, que acompanhava a consolidação da vida privada nas sociedades ocidentais, assumiu novas formas — o que implicou em posturas terapêuticas que respondessem às demandas que emergiam. Neste contexto, a psicanálise realizou um avanço revolucionário: reconhecer a legitimidade da histeria enquanto manifestação da subjetividade de então (Kehl, 2002). As formas de subjetivação contemporâneas e suas manifestações sinalizam importantes mudanças nas condições psíquicas dos indivíduos. Estas alterações podem ser observadas no trabalho de psicólogos clínicos e psicanalistas — que vêem-se constrictos a reagir a estas mudanças e a imprimirem novas formas de conduzir o seu trabalho. Melman (2002) descreve um paciente/sujeito contemporâneo que não se crê mais dividido entre consciente e inconsciente e que pensa comandar inteiramente a si mesmo; um sujeito compacto, inteiro, bruto e incapaz de separar-se de si mesmo para pensar, refletir e questionar suas próprias motivações. Esta modalidade de subjetividade seria consequência, entre outros fatores, da sociedade de consumo que constantemente abastece seus participantes com objetos cada vez mais mirabolantes e que oferecem satisfação direta, instantânea e narcísica. Na economia de mercado que tem como ideal o enriquecimento e a livre troca que não tenha que se submeter a nenhuma instância reguladora, os sujeitos seguem a mesma lógica e não se remetem a qualquer referência externa a si mesmos. Ao tentar deixar de lado importantes etapas da vida, o sujeito da nova economia psíquica quer aceder diretamente à satisfação sem passar pela

frustração, em uma trajetória rápida, sem perda de tempo e complicações. Como manifestações claras das formas de subjetivação do início do século XXI estão a toxicomania, falta de perspectivas e a multiplicação dos estados depressivos (Melman, 2002).

A dificuldade em obter uma visão ampla e apurada sobre as circunstâncias da contemporaneidade reside, justamente, no fato de que nos encontramos imersos nelas. Naturalmente, este obstáculo não está presente quando analisamos uma época anterior a que estamos vivendo. O Renascimento, por exemplo, pode ser descrito — atualmente — como um período claramente identificado e delimitado (Kehl, 2002). Situado no final do século XV, o Renascimento caracterizou-se pela forte influência protagonizada pelo saber e pela ciência que libertaram o homem das sombras da Idade Média. O individualismo — que resistiu ao passar dos séculos e que pode ser observado na sociedade contemporânea, ainda que com algumas diferenças — fortaleceu-se, ou até mesmo surgiu, nesta época e provocou mudanças nas formas de subjetivação. O individualismo do Renascimento prosperou a partir das alterações protagonizadas sobretudo pela invenção da imprensa, advento que libertou a palavra e a expressão pessoal de diversas formas de controle. Não mais restrita às bibliotecas ou outras fontes formais, a palavra passou a circular mais livremente, o que fez com que cada leitor pudesse, individualmente, conferir interpretações próprias e relativamente independentes sobre a informação que tinha em mãos. Além deste fator, o descobrimento de novos continentes e civilizações exerceram importante influência sobre a cultura européia de então, modificando e relativizando algumas convenções sociais bem estabelecidas. A imprensa, o descobrimento e as novas rotas marítimas instigaram a curiosidade, o saber e a imaginação e modificaram de forma profunda as formas de subjetivação do final do século XV (Kehl, 2002). Na época contemporânea, entre os elementos que podem ocupar o lugar de agente principal das mudanças no comportamento e percepções estão as novas tecnologias digitais, sobretudo aquelas aplicadas à internet. E, entre os mais expostos a estas transformações estão os jovens nascidos no final do século XX (Prensky, 2001).

A contemporaneidade pode ser classificada como apenas mais uma etapa da modernidade, uma vez que não protagoniza a fundação de um período especificamente pós-moderno (Birman, 2007a). O conceito de modernidade líquida, período cujas características principais são a inconstância e a volatilidade das formas de subjetivação e das relações entre as pessoas, oferece novos caminhos para compreender e explorar as complexidades da contemporaneidade (Bauman, 2001). Na pós-modernidade, ainda que diversas formas de conforto e segurança possam ser alcançadas pelos indivíduos, faz-se necessário que o sujeito trabalhe de forma incessante para que tenha uma chance de obter acesso à elas. Sob este ponto

de vista, o sujeito não deve desperdiçar tempo convivendo com outras pessoas ou até mesmo realizando atividades essenciais para a manutenção da sua própria saúde psíquica e física. Esquecendo-se da sua condição humana fundamental, o sujeito tende a transformar-se em uma máquina orgânica e funcional, onde a produtividade é maximizada até o limite — tudo em nome da aquisição do conforto e da segurança prometidos pela modernidade. Comparado à eficiência das novas tecnologias, nem todo o esforço da máquina orgânica poderá se revelar suficiente para alcançar seus propósitos. Neste contexto, as relações interpessoais e a família podem facilmente representar para o sujeito uma verdadeira perda de tempo, que deve ser compensada com mais esforço e abnegação. Preso a esta forma de subjetivação narcisista, os projetos de vida e os sonhos apresentam-se como supérfluos e não encontram espaço na rotina profissional, uma das únicas vias encontradas pelo sujeito para alcançar aquilo que acredita desejar (Birman, 1997).

Para satisfazer os apelos por segurança e estabilidade de seus cidadãos, as sociedades democráticas modernas buscam a eliminação de tudo aquilo que é considerado como representante do “mal”: as doenças, os acidentes, os infortúnios, a morte e a violência. Todas estas circunstâncias devem ser previstas e atitudes preventivas precisam ser adotadas para proteger as pessoas. Entretanto, estas providências — ainda que justificáveis — muitas vezes podem ser interpretadas pelo sujeito como promessa de segurança plena que, na verdade, jamais poderia ser alcançada em razão da inevitabilidade de alguns acontecimentos. Esta ilusão de proteção pode produzir comportamentos caracterizados pela evitação, em detrimento da confrontação. Neste contexto de distanciamento, as relações entre as pessoas passam a privilegiar vínculos entre iguais, pois a convivência com a diferença, impregnada pelo imprevisível, acaba sendo temida e deve ser evitada (Roudinesco, 2000).

Na pós-modernidade, a materialidade e a imagem ganham força e servem como base para as relações interpessoais, além de fornecer os elementos que estimulam a supervalorização do corpo. Este corpo físico e contemporâneo torna-se suscetível e deve ser apresentado a partir de determinados ideais estéticos. Ou seja, o corpo torna-se, involuntariamente, o palco preferencial para a apresentação das mais variadas modalidades de subjetividade e mal-estar psíquico. A fragilidade corporal pode traduzir-se em uma sensibilidade excessiva quanto à autoimagem, fomentando os mais variados tipos de depressão, em detrimento da angústia, que anteriormente ocupava o lugar predominante no campo do sofrimento psíquico da modernidade (Birman, 2007b).

Bauman (2001) caracteriza a contemporaneidade como modernidade líquida em razão da rapidez e fluidez com que as formas de subjetivação se movem, surgem e desaparecem. Na

época dos líquidos, a substituição é mais importante do que a manutenção, condição que somente aumenta o desperdício e a poluição. O novo torna-se obsoleto com rapidez impressionante e funda a lógica que é aplicável a objetos e até mesmo a seres humanos. Contrariando uma tendência predominante em sociedades anteriores, na modernidade líquida são os desfavorecidos que, por estarem mais expostos à instabilidade e imprevisibilidade, aferram-se ao que possuem de modo a alcançarem alguma segurança para si mesmos. Em termos materiais e financeiros, os mais poderosos, em seu domínio sobre a dinâmica da transitoriedade e apropriando-se das “regras do jogo”, ganham com a rapidez das trocas e substituições (Bauman, 2001).

Na contemporaneidade, a primazia conferida ao eu é fator onipresente na construção das subjetividades. Esta supervalorização da individualidade, apesar de não ser novidade no contexto da modernidade, tem apresentado algumas diferenças em relação ao que já foi anteriormente. No começo da modernidade, as noções de interioridade e reflexão balizavam a vida dos indivíduos. A modernidade atual, entretanto, privilegia um novo tipo de auto centramento que, por abandonar a interioridade e a reflexão, entra em conflito com a exterioridade. O resultado desta nova dinâmica é a supervalorização da estética, que por sua vez torna fundamental ao sujeito a valorização narcísica que, a partir do olhar social e midiático, determina a sua subjetividade. Nesta crise da empatia e da alteridade, abre-se um grande espaço para o desrespeito que, ao tornar-se crônico, multiplica as mais diversas manifestações de violência (Birman, 2007a).

Antes da modernidade líquida, predominava a modernidade sólida (Bauman, 2009). Na época dos sólidos, a incapacidade de se conformar era a condição a ser evitada de todas as formas. Na contemporaneidade da subjetividade líquida, a ameaça que desafia as pessoas é a de inadequação. A incapacidade de se adaptar a alguma situação é tão temida pois pode assinalar o aniquilamento do sujeito, uma vez que uma das principais características da modernidade líquida é justamente o individualismo — seja oferecendo mais liberdade, seja responsabilizando o sujeito pelo seu destino —, circunstância que o abandona à própria sorte em caso fracasso. A inadequação pode assumir a forma da exclusão, e uma das exclusões mais temidas refere-se à impossibilidade de trabalhar. Uma vez desempregado, recai sobre o sujeito o estigma da inutilidade que o classifica como uma pessoa sem função e o torna passível de ser descartado. Nesta perspectiva, a modernidade líquida proporciona a inusitada aproximação entre a posição do desempregado e o lugar do criminoso, ambos à margem da sociedade e sem possibilidade de retorno como integrantes produtivos (Bauman, 2009).

Y

O conceito de geração inclui em si a homogeneização das diferenças individuais. Para que seja aplicado a um conjunto de indivíduos, estes necessariamente devem ter algumas de suas especificidades desconsideradas ou colocadas de lado temporariamente (Bauman, 2011). Na época contemporânea, para dificultar ainda mais esta forma de categorização por idade, as diferenças entre as gerações são cada vez mais tênues e, portanto, difíceis de serem estabelecidas (Birman, 2007b).

Muitas das modalidades de subjetivação presentes na Geração Y podem ser consideradas absolutamente inéditas, enquanto que outras são versões remodeladas da contemporaneidade. Ao formular e consolidar os seus diferentes estilos de vida — quanto a temas importantes como trabalho, relações interpessoais e virtuais, imagem de si e dos outros, tempo (rotina), valores éticos, ídolos (celebridades), violência, consumo, objetivos e críticas sobre a sociedade contemporânea —, a Geração Y participa da elaboração de novas modalidades de fazer-se sujeito no tempo atual. Nesta interação — entre Y e a subjetividade contemporânea — ambos influenciam-se mutuamente, o que implica em novas construções subjetivas.

Os estudos empíricos e teóricos sobre a Geração Y encontrados e referidos nesta dissertação abordam estes indivíduos, sobretudo, sob a perspectiva da sua inserção no mercado de trabalho, das suas relações com tendências tecnológicas e de como esta geração é percebida ou conhecida pela sociedade de uma forma mais ampla. Levando em consideração estes trabalhos e contribuições, esta pesquisa buscou explorar as próprias percepções da Geração Y a respeito do contexto contemporâneo, além de investigar as suas especificidades psíquicas, partindo do princípio que estas são tanto efeitos como causas das formas de subjetivação contemporâneas.

A Geração Y recebeu diferentes denominações. Uma das mais utilizadas é a de *Millennials* (Howe & Strauss, 2000), em razão da sua delimitação em termos de ano de nascimento coincidente com o final do século XX. Entretanto, outros nomes foram encontrados na literatura para designar a Geração Y, todos eles envolvendo relações com a tecnologia e a língua inglesa: *NetGeneration*, *Generation Next* e *iGeneration* (Alsop, 2008).

Para ressaltar a importância desta geração de indivíduos, é válido ressaltar que as universidades e empresas estão atentas às peculiaridades da Geração Y e conferem cada vez mais importância às necessidades específicas destes indivíduos. Para atrair os integrantes desta geração as organizações oferecem promessas de liberdade, horários flexíveis,

possibilidade de trabalhar em casa, afastamento para descanso ou viagens e momentos de lazer e descontração no próprio ambiente de trabalho — por julgarem que estas vantagens correspondem aos desejos e ideais destes jovens (Bauman, 2011). Estas prerrogativas se justificariam em razão de um dos comportamentos mais comumente atribuído à Geração Y: constantes mudanças de emprego. Esta particularidade se torna ainda mais delicada para as empresas que trabalham com tecnologia e para as universidades, uma vez que estas devem obrigatoriamente assimilar estes indivíduos pela natureza intrínseca de suas atividades (Alsop, 2008).

Uma vez que os jovens da Geração Y encontram-se na condição de substituírem os indivíduos das gerações anteriores que estão se aposentando ou abandonando postos de trabalho, os jovens nascidos entre 1980 e 2000 tornaram-se fundamentais para o desenvolvimento e a sobrevivência das organizações. Por esta razão, pesquisas sobre os valores, atitudes e expectativas por parte desta geração são de grande valor. A literatura não científica (revistas, jornais, sites e *blogs*) sustenta que esta geração tem aspirações bastante elevadas e imediatistas e que — ao escolher uma atividade profissional — prioriza o salário, a possibilidade de crescimento, desafios e o equilíbrio entre a vida profissional e pessoal. Através do trabalho, a Geração Y deseja fazer algo que seja relevante para a sociedade e pode, sem hesitar, abandonar o emprego ao se deparar com uma oportunidade mais gratificante oferecida por empresas e organizações que compartilhem alguns de seus valores pessoais e de vida (Lions, Ng, & Schweitzer, 2010).

A internet e a disseminação da informação em escala global popularizaram as mais diversas formas de conhecimento, advento que trouxe novas oportunidades para a Geração Y que — quando comparada aos integrantes de outras gerações —, tem maior variedade de possibilidades profissionais e de relações interpessoais. Com a evolução da tecnologia, indivíduos são capazes de afrontar o domínio de governos e grandes organizações em novos embates que se tornaram comuns: *hackers* contra corporações, *bloggers* ameaçando jornais, terroristas assediando nações e criadores de aplicativos tirando o espaço de grandes empresas de tecnologia. Nos Estados Unidos, onde os jovens da Geração Y constituem a maior faixa de idade em termos populacionais, várias empresas estão se adaptando ao seu estilo de trabalho, cuja característica principal é a alta expectativa que esta geração impõe sobre si mesma (Stein, 2013). A possibilidade de crescimento rápido pode revelar-se uma prioridade para esta geração, possivelmente como consequência da ambição e da impaciência — características que habitualmente lhe são atribuídas. A pressão em relação ao desenvolvimento profissional pode ocasionar a desvinculação entre o rendimento efetivo e a expectativa de promoção — o

que sugere que esta geração pode apresentar expectativas pouco lúcidas quanto ao seu futuro profissional, na medida em que desejam avanços profissionais rápidos acompanhados por recompensas financeiras (Lions, Ng, & Schweitzer, 2010).

Os dois artigos apresentados nessa dissertação têm, como objetivo comum, a investigação, exploração e reflexão a respeito das modalidades de subjetivação da Geração Y. O artigo teórico propõe-se a articular os integrantes da Geração Y enquanto agentes e sujeitos das formas de subjetivação contemporâneas, assim como descrever as características da pós-modernidade. O artigo empírico investiga e explora as formas de subjetivação apresentadas pelos indivíduos da Geração Y no contexto da contemporaneidade. Para atingir este objetivo, considera a especificidade dos sujeitos dessa geração em sua inserção no espaço-tempo em que vivem. A investigação a respeito da Geração Y — e suas relações com o tempo contemporâneo — pode colaborar com a revitalização da psicologia e da psicanálise enquanto teorias e práticas que estejam alinhadas com as mudanças cada vez mais velozes e imprevisíveis que caracterizam a pós-modernidade.

Referências

- Alsop, R. (2008). *The trophy kids grow up*. San Francisco: Jossey Bass.
- Bauman, Z. (2011). *44 cartas do mundo líquido moderno*. Rio de Janeiro: Zahar.
- _____. (2009). *Confiança e medo na cidade*. Rio de Janeiro: Zahar.
- _____. (2001). *Modernidade líquida*. Rio de Janeiro: Zahar.
- Birman, J. (2007a). *Mal-estar na atualidade: a psicanálise e as novas formas de subjetivação*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.
- _____. (2007b). Laços e desenlaces na contemporaneidade. *Jornal de psicanálise*, 40(72), 47-62. <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/jp/v40n72/v40n72a04.pdf>
- _____. (1997). *Estilo e modernidade em psicanálise*. São Paulo: editora 34.
- Bleichmar, S. (2010). Límites y excesos del concepto de subjetividad en psicoanálisis. In S. Bleichmar, *La subjetividad en riesgo* (pp. 91-97). Buenos Aires: Topía. (Trabalho original publicado em 2004).
- Erickson, F. (1986). Qualitative methods in research on teaching. In M. Wittrock (org). *Handbook of research on teaching* (pp. 119-161). New York: MacMillan Publishing.
- Focault, M. (1984). *História da sexualidade 2: o uso dos prazeres*. Rio de Janeiro: Graal.

- Freud, S. (1996). O futuro de uma ilusão. In *Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud Vol. XXI*. Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1927)
- Howe, N., & Strauss, W. (2000). *Millennials rising: the next great generation*. New York: Vintage Books.
- Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (2010). Recuperado em 20 de julho, 2013, de http://censo2010.ibge.gov.br/sinopse/webservice/firm_piramide.php
- Kehl, M. R. (2002). *Sobre Ética e Psicanálise*. São Paulo: Companhia das Letras.
- Lions, S. T., Ng, E. S. W., & Schweitzer, L. (2010). New generation, great expectations: a field study of the millennial generation. *Journal of Business and Psychology*, 25(2), 281-292.
- Melman, C. (2002). *L'homme sans gravité*. Paris: Denoël.
- Prensky, M. (2001). Digital Natives, Digital Immigrants. *On the Horizon*, 9(5), 1-6.
- Roudinesco, E. (2000). *Por que a Psicanálise?* Rio de Janeiro: Zahar.
- Stein, J. (2013, maio). The Me Me Me Generation. The new greatest generation: why millennials will save us all. *Time*, 25-37.
- Weinmann, A. (2006). Dispositivo: um solo para a subjetivação. *Psicologia & Sociedade*, 18(3), 16-22.

CONCLUSÃO

Este estudo procurou explorar as formas de subjetivação da Geração Y. Na contemporaneidade, a subjetividade assume novas condições e adquire qualidades originais com uma intensidade inédita. Neste contexto de constante renovação, característico da pós modernidade, a Geração Y emerge como um importante representante das mudanças na subjetividade. Ao aprofundar o conhecimento sobre este conjunto de indivíduos que compartilham alguns atributos comuns, observou-se de que maneira eles são influenciados e acatam as modalidades de fazer-se sujeito validados pela cultura em que vivem — assim como são capazes de atuar como vetores de uma força de reflexão e transformação sobre a subjetividade.

A investigação sobre as formas de fazer-se sujeito da Geração Y proporcionou um aprofundamento a respeito das percepções desta geração em relação ao contexto contemporâneo. As perguntas realizadas durante as entrevistas — baseadas no eixo

exploratório trabalho, relações interpessoais e virtuais, imagem de si e dos outros, tempo (rotina), valores éticos, ídolos (celebridades), violência, consumo, objetivos e críticas sobre a sociedade contemporânea —, possibilitaram o surgimento e a exploração das construções subjetivas que esta geração está usando para lidar com as condições do contexto contemporâneo. Na procura por espaço, no trabalho de criação e adaptação de algo próprio e que se insira na cultura, os indivíduos da Geração Y são capazes de encontrar falhas, inconsistências e contradições que nos oferecem novas interpretações sobre as formas de subjetivação contemporâneas. Além desta nova visão a respeito modernidade, a investigação a respeito da Geração Y proporcionou o aprofundamento e novas visões quanto aos estereótipos e preconceitos aos quais estes jovens devem enfrentar.

Considerou-se, desde o princípio da Dissertação, que a Geração Y poderia constituir-se em um porta voz privilegiado das mudanças que caracterizam a contemporaneidade. Estes jovens indivíduos tem percepções específicas — algumas delas surpreendentes, outras mais previsíveis — sobre as transformações subjetivas que tem como palco principal a cultura e suas características específicas enquanto componente da etapa da modernidade em que nos encontramos. Além de oferecerem uma leitura peculiar e renovada sobre as formas de subjetivação da época atual, a Geração Y — sobretudo em razão das características específicas que possuem e da perspectiva de que ocupam, ou ocuparão, um papel de destaque nas décadas que virão — é capaz de nos oferecer alguns desenhos que esboçam as características da sociedade para qual estamos nos encaminhando.

Para conhecer as particularidades das interações entre individualidade, cultura e os modos de subjetivação, é necessário adaptar-se às condições de um campo dinâmico e em constante transformação. Nesse sentido, o conhecimento sobre a subjetividade revela-se vital para a psicanálise e psicologia, uma vez que ambas se ocupam, entre outros aspectos, da inserção do indivíduo na cultura — seja possibilitando ou contribuindo para que este se aproprie da sua singularidade, seja possibilitando a sua existência ou colocação no interior do contexto em que vive.

As indefinições e as dúvidas que preenchem a adolescência manifestam-se na subjetividade dos indivíduos da Geração Y que fizeram parte desta pesquisa. Ao mesmo tempo em que há uma consolidação de algumas escolhas de vida, estas são acompanhadas de dúvidas e contradições. Parcialmente em razão das condições do mercado de trabalho e da economia atuais, a independência material em relação aos pais tende a ser adiada, alegadamente em razão de uma maior liberdade nas escolhas profissionais e os inerentes riscos das trocas de emprego ou até mesmo atividade profissional. Esta suspensão, entretanto,

pode sinalizar a dificuldade em assumir compromissos — ou aceitá-los somente em situações específicas que estejam de acordo com as suas exigências — e se submeter às renúncias e responsabilidades que estes acarretam. Os ideais, planos e metas são bem elaborados e elevados, porém, os recursos subjetivos a serem mobilizados para alcançá-los não acompanham a magnitude das aspirações e podem revelar-se insuficientes.

Os jovens da Geração Y apresentaram questionamentos e perguntas sobre si mesmos, condição que contraria algumas das descrições da contemporaneidade e, mais especificamente, desta geração. Ainda que esta característica — de pensar e refletir sobre a própria conduta, pensamentos e o que acontece na sociedade em que vive — possa ser benéfica para o indivíduo, ela também traz consigo algum sofrimento psíquico. O mal-estar prolifera-se na cultura que, estruturalmente, apresenta as exigências e frustrações que os sujeitos devem acatar para que possam fazer parte dela. Nesse sentido, destaca-se entre os indivíduos da Geração Y, o imperativo cultural que estabelece que estes alcancem determinados padrões de vida material, financeiro e educacionais para si e eventualmente, para suas famílias — em consonância com o que os seus pais lhes proporcionaram.

As altas aspirações profissionais e pessoais, estereótipo habitualmente atribuído aos integrantes da Geração Y, apresentou-se de uma forma singular nos participantes desta pesquisa. A atividade laboral emerge como uma construção que deve assimilar de forma intensa os interesses pessoais. Para que seja interessante, o trabalho ou projeto coletivo deve fazer sentido dentro da subjetividade específica do indivíduo. Para tanto, deve abarcar a contribuição individual do sujeito resultante de sua criatividade e ideais. A possibilidade de oferecer uma contribuição social relevante, ter a liberdade para criticar e oferecer uma percepção própria ocupam papéis determinantes na avaliação da qualidade da atividade profissional. Além disso, trabalhos que possam ser realizados coletivamente são vistos como mais atrativos e enriquecedores enquanto experiência profissional e pessoal.

Os indivíduos da Geração Y são capazes de contribuir com ideias e percepções próprias em relação à subjetividade contemporânea. Esta capacidade de reflexiva e de observação oferece novas leituras sobre as condições da contemporaneidade e proporciona uma visão sobre as mudanças da subjetividade que estão por vir ou estão já estão acontecendo. Por outro lado, os jovens da Geração Y podem adotar formas de subjetivação sem uma reflexão específica a respeito, por exemplo, do quanto estas se enquadram em sua individualidade e o que representam no contexto da cultura.

A forma de subjetivação contemporânea que demanda do indivíduo uma constante evolução profissional, reinvenção pessoal e a apresentação de provas e resultados concretos às

outras pessoas fez-se presente de maneira consistente no jovens da Geração Y. A busca por conquistas e triunfos que possam ser exibidos assume uma posição imperativa, fazendo com que os percalços, insucessos e a manutenção de algo que já tenha sido conquistado torne-se secundário. Nesta avidez por resultados, as experiências de vida perdem vitalidade e a capacidade de aprender com elas pode reduzir-se, uma vez que a maior importância recai sobre a conquista final, que pode ser apresentada de forma concreta.

Além disto, a suposta liberdade individual, advento da modernidade, pode fazer com que o indivíduo elabore escolhas de vida baseadas na autoconstrução e no ideal da sua essência, sem deixar-se influenciar pelas pressões culturais. Entretanto, este é justamente o preço a ser pago pela entrada e estadia na cultura: submeter-se a algo que não seja específico ao indivíduo. A busca pela inserção maciça da individualidade na cultura pode levar ao sofrimento psíquico, isolamento ou, em seu aspecto mais promissor, novas configurações subjetivas e mudanças na própria cultura.

Ao contrário do egoísmo e a falta de empatia habitualmente atribuída à Geração Y, os jovens que participaram desta pesquisa demonstraram um grande interesse pelas diferenças entre as pessoas e pelo que podem aprender ao conviver com culturas diferentes das suas — ainda que esta característica possa estar sob a influência da deseabilidade social. Este atributo, se genuíno, é capaz de nos oferecer uma compreensão mais ampla a respeito da ótima capacidade desta geração para trabalhar em grupo. Este comportamento altruísta da Geração Y pode ser o resultado, entre outros fatores, da sua grande exposição a diversidade cultural em razão da globalização e da internet. Entretanto, o comportamento empático de profundo respeito pelas diferenças e a valorização da possibilidade de aprender com elas pode originar-se, paradoxalmente, na primazia da individualidade. Narcisicamente, este respeito pode prosperar a partir da promessa de que a própria especificidade do indivíduo, mesmo que excessiva em relação ao contexto cultural, será aceita e até mesmo venerada em razão desta postura.

REFERÊNCIAS

- Alsop, R. (2008). *The trophy kids grow up*. San Francisco: Jossey Bass.
- Bauman, Z. (2011). *44 cartas do mundo líquido moderno*. Rio de Janeiro: Zahar.
- _____ (2009). *Confiança e medo na cidade*. Rio de Janeiro: Zahar.
- _____ (2008). *Medo líquido*. Rio de Janeiro: Zahar.

- _____ (2001). *Modernidade líquida*. Rio de Janeiro: Zahar.
- Bergman, S., Fearington, M., Davenport, S., & Bergman, J. (2011). Millennials, narcissism, and social networking: what narcissists do on social networking sites and why. *Personality and individual differences*, 50, 706-711. doi: 10.1016/j.paid.2010.12.022
- Birman, J. (2013a). Sujet et pouvoir dans la contemporanéité. *Recherches en psychanalyse*, (15), 11-22. doi: 10.3917/rep.0150011
- _____ (2013b). La condition adolescent dans la contemporanéité: une lecture de la jeunesse dans la société brésilienne. *Figures de la psychanalyse*, (25), 63-83. doi: 10.3917/fp.025.0063
- _____ (2013c). Os paradigmas em psicanálise são comparáveis? Sobre o mal estar, a biopolítica e os jogos de verdade. *Tempo Psicanalítico*, Rio de Janeiro, v.45.I, p. 147-178. <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/tpsi/v45n1/v45n1a11.pdf>
- _____ (2007a). *Mal-estar na atualidade: a psicanálise e as novas formas de subjetivação*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.
- _____ (2007b). Laços e desenlaces na contemporaneidade. *Jornal de psicanálise*, 40(72), 47-62. <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/jp/v40n72/v40n72a04.pdf>
- _____ (1997). *Estilo e modernidade em psicanálise*. São Paulo: editora 34.
- Bleichmar, S. (2010). Límites y excesos del concepto de subjetividad en psicoanálisis. In S. Bleichmar, *La subjetividad en riesgo* (pp. 91-97). Buenos Aires: Topía. (Trabalho original publicado em 2004)
- _____ (2010). Un modo de pensar nuestro tiempo. In S. Bleichmar, *La subjetividad en riesgo* (pp. 19-22). Buenos Aires: Topía. (Trabalho original publicado em 1997)
- Debord, S. (2010). *A sociedade do espetáculo*. Rio de Janeiro: Contraponto. (Trabalho original publicado em 1967)
- Dockhorn, C.N.B.F., & Macedo, M. (2008). *A complexidade dos tempos atuais: reflexões psicanalíticas*. *Argumento psicología*, 54(26), 217-224. <http://www2.pucpr.br/reol/index.php/pa?dd1=2496&dd99=view>
- Erickson, F. (1986). Qualitative methods in research on teaching. In M. Wittrock (org). *Handbook of research on teaching* (pp. 119-161). New York: MacMillan Publishing.
- Focault, M. (1984). *História da sexualidade 2: o uso dos prazeres*. Rio de Janeiro: Graal.
- Freud, S. (1996). O futuro de uma ilusão. In *Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud Vol. XXI*. Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1927)
- Howe, N., & Strauss, W. (2000). *Millennials rising: the next great generation*. New York: Vintage Books.

- Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (2010). Recuperado em 20 de julho, 2013, de http://censo2010.ibge.gov.br/sinopse/webservice/frm_piramide.php
- Kehl, M. R. (2002). *Sobre Ética e Psicanálise*. São Paulo: Companhia das Letras.
- Lions, S. T., Ng, E. S. W., & Schweitzer, L. (2010). New generation, great expectations: a field study of the millennial generation. *Journal of Business and Psychology*, 25(2), 281-292.
- Lacan, J. (1953/1998). Função e campo da fala e da linguagem em psicanálise. In *Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- Macedo, M. M. K., & Silva, F. C. F. (2012). Inquietações no cenário contemporâneo: reflexões psicanalíticas sobre a masculinidade. In: M. M. K. Macedo, B.G. Werlang (org.). *Psicanálise e Universidade* (pp. 66-81). Porto Alegre: Edipucrs.
- Mansano, S. R. V. (2010). Sujeito, subjetividade e modos de subjetivação na contemporaneidade. *Revista de Psicologia da UNESP*, 8(2). <http://www2.assis.unesp.br/revpsico/index.php/revista/article/viewFile/139/172>
- Melman, C. (2002). *L'homme sans gravité*. Paris: Denoël.
- Myers, K., & Sadaghiani, K. (2010). Millennials in the workplace: a communication perspective on millennials organizational relationships and performances. *Journal of Business and Psychology*, 25(2), 225-238. doi: 10.1007/s10869-010-9172-7
- Potte-Bonneville, M. (2004). *Michel Foucault, l'inquietude de l'histoire*. Paris: Presses Universitaires de France.
- Prensky, M. (2001a). Digital Natives, Digital Immigrants. *On the Horizon*, 9(5), 1-6.
- _____ (2001b). Do they really think differently? *On the Horizon*, 9(6), 1-9.
- Roudinesco, E. (2000). *Por que a Psicanálise?* Rio de Janeiro: Zahar.
- Roudinesco, E., & Plon, M. (1998). *Dicionário de Psicanálise*. Rio de Janeiro: Zahar.
- Stein, J. (2013, maio). The Me Me Me Generation. The new greatest generation: why millennials will save us all. *Time*, 25-37.
- Weinmann, A. (2006). Dispositivo: um solo para a subjetivação. *Psicologia & Sociedade*, 18(3), 16-22.

ANEXO A

Formulário sobre dados demográficos

Idade:

Local de nascimento:

Residência:

Com quem mora:

Estado civil:

Escolaridade:

Profissão:

Ocupação:

Renda mensal:

Experiência profissional:

Outras informações:

ANEXO B

Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE)

Nome do estudo: “Formas de subjetivação e relações interpessoais da Geração Y”.

Instituição: Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS).

Pesquisadores responsáveis: André Verzoni e Carolina Saraiva de Macedo Lisboa.

Telefone para contato: com o mestrando André Verzoni pelos telefones (51) 3328.9579, (51) 9329.0704 e pelo email andre.verzoni@gmail.com. Para entrar em contato com a Prof^a. Dr^a. Carolina Saraiva de Macedo Lisboa: (51) 3320.3500, ramal 7747. Comitê de ética em pesquisa (CEP) da PUCRS: (51) 3320.3345, cep@pucrs.br,

1. Objetivos do estudo: Esta pesquisa tem como objetivo compreender e aprofundar o conhecimento sobre a Geração Y, suas formas de subjetivação e relações interpessoais.

2. Explicação dos procedimentos: começaremos com a assinatura deste termo e rubrica em todas as páginas do mesmo. Sua participação consistirá na realização de uma entrevista que será gravada e transcrita mediante a sua autorização. A entrevista terá duração de aproximadamente uma hora. Após a entrevista lhe será solicitado o preenchimento do formulário sobre dados demográficos que inclui perguntas sobre: idade, local de nascimento, residência, estado civil, escolaridade, profissão, ocupação, renda mensal e experiência profissional.

3. Benefícios e riscos: Como benefício da sua participação, você estará colaborando com o estudo e a construção do conhecimento científico sobre o tema desta pesquisa. Além disso, você poderá, caso seja do seu interesse, ter acesso às conclusões resultantes deste estudo. O possível desconforto do participante está relacionado ao tempo das entrevistas.

4. Direito à desistência: Sua participação neste estudo é voluntária e você poderá, a qualquer momento, decidir não mais participar ou desistir sem qualquer tipo de consequência e/ou prejuízo para si.

5. Sigilo: Este estudo preservará completamente a identidade dos participantes. Sua identidade e a de terceiros eventualmente citados será mantida no anonimato durante todas as etapas da pesquisa, sobretudo na transcrição e na posterior publicação dos resultados. Todas as informações ou os dados que possam permitir a sua identificação, assim como a de terceiros, serão omitidas.

6. Consentimento: Declaro ter lido todas as informações deste documento antes de assiná-lo. Declaro que ficou clara a possibilidade de contatar os pesquisadores pelos telefones indicados e contatar a entidade responsável – Comitê de Ética em Pesquisa da PUCRS – através do telefone 3320.3345. Este documento será assinado em duas vias, uma ficará com o participante e a outra será entregue ao pesquisador responsável.

Porto Alegre, ____ de _____ de 20 ____.

André Verzoni

Psicólogo

CRP 07/14231

Mestrando em Psicologia Clínica do Programa de Pós Graduação em Psicologia da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul

Profª. Drª. Carolina Lisboa

Orientadora

Consinto em participar deste estudo e declaro ter recebido uma cópia deste Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.

Nome e assinatura do participante

ANEXO C

Aprovação no Comitê de Ética

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE
CATÓLICA DO RIO GRANDE
DO SUL - PUC/RS

**PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP****DADOS DO PROJETO DE PESQUISA**

Título da Pesquisa: Formas de subjetivação e relações interpessoais da Geração Y

Pesquisador: Carolina Saraiva de Macedo Lisboa

Área Temática:

Versão: 3

CAAE: 26733914.8.0000.5336

Instituição Proponente: UNIAO BRASILEIRA DE EDUCACAO E ASSISTENCIA

Patrocinador Principal: FUND COORD DE APERFEICOAMENTO DE PESSOAL DE NIVEL SUP

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 622.051

Data da Relatoria: 16/04/2014

Apresentação do Projeto:

O projeto de Mestrado "Formas de Subjetivação e relações interpessoais da geração y" será executado pelo discente André Verzoni sob orientação da Profa. Dra. Carolina Lisboa no Programa de Pós-Graduação em Psicologia Clínica da Faculdade de Psicologia da PUCRS.

Objetivo da Pesquisa:

O presente projeto tem por objetivo investigar as formas de subjetivação de 08 sujeitos nascidos entre 1980 e 2000, identificados como pertencentes à geração Y, bem como as relações interpessoais estabelecidas por esses indivíduos. A faixa etária que compreende a chamada Geração Y ocupa, no Brasil, lugar predominante na pirâmide populacional, constituindo, na atual conjuntura sócio-econômica do país, força de trabalho considerável em áreas vitais do desenvolvimento. Além disso, apresentam, de modo geral, características de comportamento que se diferem substancialmente da geração anterior, como constantes mudanças de emprego, individualismo, uso da tecnologia digital, facilidade para lidar instantaneamente com novas informações, entre outras. A observação e compreensão desse grupo pretende, portanto, contribuir para a ampliação do conhecimento sobre a sociedade contemporânea.

Avaliação dos Riscos e Benefícios:

O texto de apresentação do projeto não revela benefícios ou riscos diretos aos participantes da pesquisa. Registra-se no Termo de Consentimento Livre e Esclarecido apenas o possível

Endereço: Av. Ipiranga, 6690, prédio 60, sala 314

Bairro: Partenon

CEP: 90.610-900

UF: RS

Município: PORTO ALEGRE

Telefone: (51)3320-3345

Fax: (51)3320-3345

E-mail: cep@pucrs.br

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE
CATÓLICA DO RIO GRANDE
DO SUL - PUC/RS



Continuação do Parecer: 622.051

desconforto que o tempo gasto na realização da entrevista poderá causar.

Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

Trata-se de uma pesquisa qualitativa e exploratória. Seus participantes, 08 indivíduos, serão recrutados pelo método de rede entre indivíduos entre 20 e 25 anos à época da coleta que já possuam alguma experiência profissional. Excluem-se psicólogos e estudantes de Psicologia. Cada participante será entrevistado em dois momentos. No primeiro momento serão realizadas questões baseadas em eixos teóricos sobre a subjetividade contemporânea (trabalho, relações interpessoais e virtuais, consumo, auto-imagem, ética, ídolos, violência, consumo, entre outros. No segundo momento, as questões abordadas no primeiro momento serão aprofundadas, valendo-se da maior familiaridade entre entrevistado e entrevistador. Aos participantes será ainda solicitado o preenchimento de um formulário sobre dados demográficos (idade, local de nascimento, residência, estado civil, escolaridade, profissão, etc.).

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

Foram apresentados os seguintes termos:

- projeto
- carta de aprovação da Comissão Científica da Faculdade de Psicologia
- Termo de Consentimento Livre e Esclarecido
- Folha de Informações básicas do projeto
- currículo lattes dos participantes do projeto
- cronograma
- orçamento
- carta de justificativa sobre Autorização Local (não assinada)
- Termo de Compromisso para Utilização dos Dados

Recomendações:

Não há recomendações.

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

A solicitação a respeito da inclusão do Termo de Compromisso para Utilização dos Dados foi atendida.

Situação do Parecer:

Aprovado

Endereço: Av. Ipiranga, 6690, prédio 60, sala 314

Bairro: Partenon **CEP:** 90.610-900

UF: RS **Município:** PORTO ALEGRE

Telefone: (51)3320-3345 **Fax:** (51)3320-3345 **E-mail:** cep@pucrs.br

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE
CATÓLICA DO RIO GRANDE
DO SUL - PUC/RS



Continuação do Parecer: 622.051

Necessita Apreciação da CONEP:

Não

Considerações Finais a critério do CEP:

PORTO ALEGRE, 22 de Abril de 2014

Assinador por:
caio coelho marques
(Coordenador)

Endereço: Av. Ipiranga, 6690, prédio 60, sala 314

Bairro: Partenon

CEP: 90.610-900

UF: RS

Município: PORTO ALEGRE

Telefone: (51)3320-3345

Fax: (51)3320-3345

E-mail: cep@pucrs.br

ANEXO D
Submissão Artigo Teórico

Preview

From: revpsico@usp.br
To: andre.verzoni@gmail.com
CC: andre.verzoni@gmail.com, carolina.lisboa@pucls.br
Subject: Psicologia USP - Manuscript ID PUSP-2014-0058
Body: 08-Jul-2014

Dear Mr. Verzoni:

Your manuscript entitled "Formas de subjetivação da Geração Y" has been successfully submitted online and is presently being given full consideration for publication in the Psicologia USP.

Your manuscript ID is PUSP-2014-0058.

Please mention the above manuscript ID in all future correspondence or when calling the office for questions. If there are any changes in your street address or e-mail address, please log in to ScholarOne Manuscripts at <http://mc04.manuscriptcentral.com/pusp-scielo> and edit your user information as appropriate.

You can also view the status of your manuscript at any time by checking your Author Center after logging in to <http://mc04.manuscriptcentral.com/pusp-scielo>.

Thank you for submitting your manuscript to the Psicologia USP.

Sincerely,
Psicologia USP Editorial Office

Date Sent: 08-Jul-2014

Submission Confirmation

Thank you for submitting your manuscript to *Psicologia USP*.

Manuscript ID: PUSP-2014-0058
Title: Formas de subjetivação da Geração Y
Authors: Verzoni, André
Lisboa, Carolina
Date Submitted: 08-Jul-2014

 Print  Return to Dashboard